REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 785

20 DE OUTUBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Fez no dia 12 um anno que as primeiras tropas boers transpuzeram a fronteira do Natal. Durante um anno bateram-se como leões pela independencia. A força esmagou-os. O presidente Kruger, depois de haver se refugiado em Lourenço Marques, deve a estas horas vir a caminho da Europa.

A lucta, entretanto, embora o final se deixe já facilmente adivinhar, continua em muitos pontos do territorio transvaliano, como se ainda inglezes e boers julgassem pouco o sangue derramado, os sacrificios feitos.

Ainda não é sabido ao certo o caminho que tomará o cruzador hollandez *Gerderland*. O *Seculo* publicou, ha dias, o telegramma seguinte: «Assegura-se que o governo francez, para mostrar a sua boa vontade á Inglaterra, pediu ao dr. Leyds que Kruger não desembarque em Marselha. É provavel que desembarque em Genova dirigindo-se d'alli para a Hollanda.» Outras informações dizem que o *Geldertand* seguirá directamente para Rotterdam.

A este proposito os jornaes francezes, que tão injusta e acerbamente nos atacaram, poderiam publicar alugumas variações sobre um thema que lhes é tão caro.

O momento para nós mais difficil de atravesar parece ter passado. E já não era sem tempo.

Tornou-se para o mundo inteiro necessario descançar d'essa excitação, em que a todos punha essa lucta de um anno, que vencedores e vencidos encheu de gloria, mas tambem de lucto.

Breve se porá ponto na historia tragica, que afinal parece ter chegado finalmente ao quinto acto.

O mesmo ponto, mas posto com muito máo humor pela policia, parece querer tornar-se definitivo na ultima tragedia indigena, conhecida pelo titulo tetrico de *Crime sensacional*. O heroe rocambolesco, com boina ou sem ella, Joaquim Costa ou outro, parece pouco disposto a deixar que a auctoridade lhe ferre a respeitavel unha. Entretanto os fantasmas continuam gemendo e

«Le Portugal au point de vue agricole»

UM VALLE CULTIVADO NA SERRA DA ESTRELLA — (Parte primeira — Capitulo II — *O solo aravel e o clima*)

arrastando os classicos grilhões pelos quintaes do Barreiro. Dizem elles na sua lingua que o tempo não vae para tristezas.

E assim é. No que mais ultimamente se tem pensado é em festas.

Tivemos uns dias lindos, umas noites esplendidas, em que só uma ligeira pontinha de frio annunciava a approximação do inverno.

Por todas essas praias ainda os clubs se animam á noite com valsistas arreigados ao namoro e á licença da repartição. Todos os domingos contam-se por milhares os passageiros que da estação do Rocio partem para Bellas e Cintra, que no Caes do Sodré embarcam para os alegres logares á beira do Tejo, para o Estoril e Cascaes.

A feira tradicional do Campo Grande foi bem fadada, o que nem sempre acontece, na sua inauguração.

Um espectaculo devéras encantador foi dado pelos bandos de crianças que, n'uma d'estas tardes amorosas, se avistavam por todas as ruas de Lisboa, enfileiradas duas a duas, encantadas com o pequenino brinde que a todas foi dado na sede da sociedade por occasião do 21.° anniversario da *Voz do Operario*. Tão felizes que ellas iam! Diziam bem com a paizagem acariciada pelo sol tepido e sorridente, com que o verão se despediu.

Mas o que mais gente atrahiu foi a festa lindissima realisada no parque dos Duques de Palmella no Estoril, arraial organisado com um fim caritativo altamente sympathico, a que concorreu o povo, que o animou com seus bailes e descantes, e as pessoas reaes, que ajudaram a vender as sortes e a effectuar-se as rifas. O concurso de povo foi grande todos os dias, enorme no domingo. O resultado pratico foi além da espectativa, sendo preciso no ultimo dia renovar a collecção de premios.

Tratava-se de beneficiar as cosinhas economicas e todos sabem quanto a sr.ª Duqueza de Palmella tomou a peito essa instituição, seguramente uma das que maior proveito trazem ao bem-estar dos desprotegidos da sorte. Encontrou ella sempre quem do melhor grado a coadjuve, como felizmente succede em Portugal, onde é sempre escutado qualquer appêlo á generosidade.

Veja-se o que se tem passado com a assistencia aos tuberculosos, que, logo que achou abrigo no coração bondoso da rainha, sr.ª D. Amelia, ás primeiras palavras de prece proferidas pelos labios reaes, foi eccoando em todas as almas.

Ha dias, visitou a sr.ª D. Amelia o Sanatorio de Carcavellos, em que foi transformado o velho forte do Junqueiro, hoje destinado ao tratamento de rapazes tuberculosos. Dirigindo palavras justamente elogiosas a quantos trabalharam n'esta obra utilissima, especialisou os srs. dr. José Joaquim d'Almeida, distincto medico em Oeiras e o director da construcção, nosso querido amigo João d'Arriaga, porque realmente foram d'uma dedicação que só taes palavras dictadas por um coração, em que só generosidades se abrigam, poderia devidamente premiar.

Ha dias, o notavel medico, sr. Dr. H. Mouton publicava no *Seculo* um artigo sensatissimo, cuja conclusão pedimos venia para transcrever: «Proponho pois a construcção nos arredores de Lisboa de um sanatorio para doentes pagantes, com 60 camas, e installado com o maior conforto. Segundo calculos baseados sobre os estabelecimentos existentes em Falkenstein e Davos e outros que me foram particularmente fornecidos o lucro liquido que se pode obter é de 25% do capital empregado. E tanto isto é exacto que a companhia que explora o sanatorio de Falkenstein decidiu que todo o lucro excedente a 6% seja empregado no sustento de um sanatorio para pobres construido proximo do seu congenere destinado aos doentes pagantes. Ahi fica pois exposta a idéa. Os capitalistas que buscam emprego fructuoso e seguro para os seus capitaes ahi teem um. Fundando um sanatorio para doentes pagantes prestarão ao mesmo tempo um grande serviço aos doentes e ao paiz, e, se quizerem unir a philantropia ao justo desejo de ver fructificar o seu dinheiro, que sigam o exemplo dos accionistas de Falkenstein e n'isto servirão os infelizes para quem a caridade é o unico recurso.» O que lemos é dictado com tanto bom senso e tão pratica nos parece a idéa, que não resistimos ao desejo de lhe dar mais um bocadinho de publicidade.

No programma definitivo da viagem regia á cidade do Porto, por motivo da inauguração da estatua do Infante D. Henrique, ficou determinado que no dia 22, no edificio da camara municipal fique instalada a commissão de assistencia nacional aos tuberculosos.

Entre tantas festas, inaugurações, recepções, jantares e espectaculos de gala, illuminações e bailes, é de toda a justiça que não sejam esquecidos os desgraçados. Bem haja quem sempre n'elles vai pensando e lhe vae merecendo cada vez mais a gratidão.

Na quarta feira, 17, partiu para o Porto a esquadra portugueza composta dos cruzadores *D. Carlos*, *S. Gabriel* e *S. Raphael* e dois torpedeiros com avisos.

E' no *D. Carlos* que, se o tempo o permittir, deverão voltar as pessoas reaes.

Se o tempo o permittir... Já não ha muito que fiar. Falamos dos dias lindos que tivemos; mas já, de quando em quando, a chuva nos vem avisar de que vamos em meados de outubro. Alguns dias teem estado encobertos; ás noites tem cahido agua, atrapalhando as sahidas do theatro.

Ajudando o calendario, andam por ahi já annunciadas as exposições de chrysantos.

Mas foram os empresarios de theatros que mais ultimamente em seus reclamos nos parecem estar gritando: — E' inverno! E' inverno!

Abriu já as suas portas o theatro D. Amelia, que, emquanto prepara activamente a primeira representação dos *Maridos de Léontine*, vai fazendo reprises, de todo seu vastissimo repertorio. Dias antes, abriu o theatro da Avenida com a *Boneca* cujo principal papel, difficillimo, foi, com justissimos applausos, desempenhado por Palmira Bastos, de quem todo o publico já tinha as maiores saudades.

Muito falado em theatros é o novo regulamento do sr. José de Azevedo, tanto pelo menos como cá fora o seu projecto de barateamento da carne. Já se vê que os oppositores são muitos, entre todos tornando-se salientes as damas de grandes chapéos e os carniceiros.

Mas bom é que se trate de não nos deixarem roubar mais, nem pelas plumas que nos impediram de ver a Duse por uma libra, nem pelo osso que nos deram como alcatra, por duas.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Continuam as festas, outras novas se annunciam. O cortejo nautico, ha dias realisado, foi o iniciador d'uma nova serie de espectaculos, que parece deverem ser deslumbrantes.

Chega a ser uma dôr d'alma lembrarmos-nos de que, dentro de poucos dias, um batalhão de operarios armados de picaretas sacrilegas, ha de entrar por ahi dentro e desfazer em poucas horas o que tantos mezes levou a edificar e que é a demonstração mais eloquente e cabal do enorme progresso da sciencia e das artes nos ultimos dez annos.

O tempo vae correndo lindo e parece que tambem quer protestar contra a sentença de morte inadiavelmente proferida.

Uma esperança houve. Mais uns dias, pelo menos, diziam os mais interessados, vendo provincianos e estrangeiros affluindo aos milhares n'estes ultimos dias de sol esplendido, tal qual o da minha terra, no famoso verão de S. Martinho. Tem havido dias ultimamente em que passaram de seiscentos mil os visitantes da exposição.

Entretanto os tickets baixaram muito de preço. Compram-se hoje facilmente a 15 centimos. Diminuiu muito tambem o preço pedido pela hospedagem quer em hoteis, quer nas casas particulares. E' claro que isto muito ajudou a este accrescimo de affluencia.

A exposição das nossas colonias no Trocadero continua a chamar a attenção de todos os interessados e parece ter já produzido resultados praticos muito satisfactorios, a ser verdade o que consta da organisação de companhias com capitaes estrangeiros, os quaes tencionam applical-os na exploração agricola de alguns dos nossos vastissimos terrenos africanos. Os jornaes francezes por seu lado continuam a dedicar a essa exposição artigos muito elogiosos, que lisongeiam sobremaneira o nosso amor proprio de portuguez.

Para travar um pouco o movimento á má lingua nacional, mais trabalhadora infelizmente que a maioria dos cerebros, chamarei a attenção para a grande lista de premios obtidos, que muito maior deverá parecer, se, como é justo, a compararmos com a de alguns paizes mais importantes que o nosso. Para só falarmos das mais notaveis recompensas, lembraremos que nas differentes secções Portugal obteve 40 grandes premios e 173 medalhas d'oiro.

Tivemos o gosto de avistar o nosso grande artista Columbano, que juntamente com sua irmã, sr. D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, vieram visitar a exposição. Coincidiu quasi a sua chegada com um artigo muito elogioso que foi publicado na *République*.

Muita vez, proximo d'aquelle quadro de Santo Antonio e dos magnificos retratos de Taborda e João Rosa, ouvimos phrases summamente amaveis para o talento original do nosso grande artista.

As rendas da sr.ª D. Maria Augusta tambem, pela perfeição com que são executadas e pela originalidade do desenho, teem chamado a attenção dos entendidos e obtiveram para a nossa eximia artista a grande e merecida distincção d'uma medalha d'oiro.

Raphael Bordallo é esperado brevemente, ou talvez já se ache em Paris. A sua visita é anciosamente desejada por toda a colonia portugueza, que tanto o estima.

E é no meio d'estas noticias de chegadas, a que poderia accrescentar as de algumas testas coroadas, que tanto se fala da festa do encerramento.

Como estas duas palavras sôam mal uma ao pé da outra!

Mas que lhe havemos de fazer? D'aqui a um mez, não haverá n'aquelles muitos hectares cheios de maravilhas agora, senão um montão de ruinas que as carroças hão de pouco a pouco remover. *Sic transit gloria mundi.*

N'esta nova torre de Babel precisamos metter um pouco de latim.

Paris—15 de outubro de 1900. *M. C*

AS NOSSAS GRAVURAS

LE PORTUGAL AU POINT DE VUE AGRICOLE

Tal é o titulo da mais notavel publicação portugueza d'estes ultimos annos e que, escripta em francez, irá por toda a parte dizer de nós o bem que merecemos pela nossa riqueza de terra e de clima, de plantas e gados, de productos e de gente.

Essencialmente portugueza é ella apesar de escripta em lingua estranha, por isso que nas suas mil paginas só de Portugal se occupa, n'uma insistencia patriotica, mas que não fatiga por estender-se sobre variados assumptos, cada qual tratado por seu auctor especial e escolhido entre os de maior nomeada em taes sciencias agronomicas.

Abre com uma *Introducção* devida ao illustre academico, sr. conde de Ficalho em que os primores litterarios se casam com a erudicção d'um homem de sciencia que em todos os ramos do saber tem conhecimentos e sobre elles opiniões formadas.

O sr. conde de Ficalho, sem apontar nomes, vae discutindo por 50 paginas abaixo os juizos dos auctores nacionaes que sobre economia agricola teem discreteado entre nós e apropósito de coisas nossas: Oliveira Martins entr'outros e principalmente.

N'uma jornada pittoresca e sobremodo instructiva — discutindo sempre caminho andando — o sr. conde de Ficalho conduz o leitor atravez Portugal ensinando-o a admirar as paisagens de sua terra, a conhecer as riquezas que contem e as tradições que se lhe ligam, ensinando-o a amar esta boa gente trabalhadora, sobria e intelligente que nós sômos.

E apesar da paisagem, das tradições, da gente se conterem n'uma pequena area, como é a d'este reino, a jornada é magnifica e larga porque lá diz o auctor: «Poucos paizes, n'uma area egual, apresentam como Portugal, aspectos tão varios da natureza, differenças tão sensiveis nas floras espontaneas locaes, variação tão grande no regimen e nas pratices agricolas. Um viajante transportado subitamente do centro do Minho ao centro do Alemtejo, julgar-se-hia a milhares de leguas do seu ponto de partida.»

A *Introducção* do sr. conde de Ficalho conduz-nos com encanto ao limiar de cada assumpto em que depois entramos e que percorremos em detalhe guiados por *ciceronis* abalisados.

Logo ao abrir o livro encontrâmos o capitulo profundo e sabio do sr. P. Choffat, o conceituado homem de sciencia ao serviço da nossa Commissão dos serviços geologicos. E' o que de mais moderno e completo se tem escripto sobre a geologia de Portugal. Acompanha este escripto uma reducção a côres da ultima carta geologica

do paiz, agora apparecida, e que modifica bastante a antiga carta, por motivo exactamente das aturadas investigações do sr. Choffat em todo o reino.

A magnifica estampa que dâmos hoje no Occidente representando um valle cultivado da Serra da Estrella faz parte do capitulo seguinte — *O solo aravel e o clima* — escripto pelo professor sr. Filippe de Figueiredo, do Instituto de Agronomia.

A pequena gravura da vista de Leiria — que serve para mostrar um affloramento de ophite nos marnes infraliasicos—é que pertence ao capitulo do sr. Choffat.

No capitulo II a que nos referimos, se comprehende uma carta hypsometrica colorida do paiz, pela primeira vez executada. E' reducção da que mandou aguarellar sobre a carta chorographica do reino a secção agricola da grande commissão de Lisboa organisadora da exposição portugueza, o que representa um consideravel serviço prestado á sciencia O sabio Elysée Reclus escreveu a tal proposito algumas honrosissimas palavras enaltecendo este trabalho. Egualmente devido á secção agricola da mesma commissão, isto é, aos srs. D. Luiz de Castro e Cincinnato da Costa, e graças ao subsidios que facultou á direcção geral dos trabalhos geodesicos, se concluio a gravura e estampagem da carta chorographica de Portugal, que, por falta de meios pecuniarios e de iniciativa dos ministros das obras publicas, ha annos estava incompleta, apesar de concluidos todos os trabalhos de campo.

Tanto a carta hypsometrica como a chorographica mereceram *grand-prix* dos jurys internacionaes.

O escripto do sr. Filippe de Figueiredo é, em parte, a applicação agricola do estudo de sciencia pura do sr. Choffat e onde o conceituado agronomo tem occasião de mostrar os seus conhecimentos agrologicos descrevendo sob tal aspecto, de norte a sul, a riqueza do paiz *em terra*. O mesmo fez e com egual proficiencia no respeitante ao *clima*. São muito curiosas e instructivas as tabellas synthecticas das analyses dos terrenos na parte agrologica e as referentes a temperatura e chuvas nas differentes regiões do reino.

Sendo um estudo pot sua natureza arido o seu auctor conseguiu engalanal-o com uma prosa litteraria corrente e ductil.

Feito o estudo *do meio* vejamos a flora e a fauna que n'elle se desenvolvem. Encarregou-se de nos mostrar a primeira o universalmente conhecido botanico sr. Dr. Julio Henriques, lente na universidade de Coimbra e a segunda o sr. J. V. Paula Nogueira, lente no Instituto de Agronomia.

O sr. Dr. Julio Henriques antes de nos apresentar o catalogo das plantas agricolas de Portugal, dá-nos em duas palavras um apanhado sobre as condições botanico-agricolas do paiz e sua divisão territorial debaixo d'este ponto de vista. Illustram-lhe o capitulo gravuras representando exemplares formidaveis de castanheiros, pinheiros, azinheiras e sobreiros.

Copiosamente illustrado surge-nos interessantissimo o estudo dos gados do nosso torrão, acompanhado de numerosos graphicos estatisticos e d'um mappa a côres mostrando-nos a nossa população pecuaria por districtos administrativos.

D'este primoroso trabalho são as duas gravuras de bois barrosãos que hoje damos aos nossos leitores para lhes mostrar o valor realmente notavel d'esta publicação que vimos analysando.

A junta atrelada ao carro pertencente ao sr. dr. Luiz de Magalhães é um encanto, não só sob o ponto de vista zootechnico como artisticamente fallando.

E agora nos lembràmos que é contra o bom gado bovino portuguez, bom para trabalho, para leite e para côrte, que se desencadeia a temerosa e actual borrasca das carnes congeladas e dos bois miserandos de Marrocos!

Fatal sina esta de estar destinada a nós mesmos a missão de estragarmos quanto temos de bom!

Os bois barrozãos, dos quaes dizia um escriptor inglez que forneciam carne para *lords*, constituem a população bovina mais aprimorada do paiz para trabalho, dando carne finissima. D'esses e de todos os mais que povoam o reino; das raças cavallares, asinas, caprinas, ovinas, porcinas, se occupa largamente o sr. Paula Nogueira, fazendo acompanhar as suas descripções de cada variedade por magnificas gravuras.

Capitulo é esse que só por si nos levaria a encher todo O Occidente com a sua analyse, pelo merecimento que lhe encontrâmos.

Com o estudo dos animaes agricolas de Portugal fecha a primeira parte do magnifico volume que dirigiram com tanta sollicitude e intelligencia os srs. D. Luiz de Castro e Cincinato da Costa.

D'A Terra portugueza passâmos logicamente aos Productos agricolas, segunda parte do livro que abre, como de justiça, economicamente fallando, pelo capitulo — *Vinhedos e vinhos* — devido á auctorisada penna do sr. professor Cincinato da Costa.

Ainda aqui as gravuras são numerosas, assim como as estatisticas, os graphicos e as cartas coloridas.

O illustre professor dividiu o seu notavel estudo em quatro partes: *situação vinicola de Portugal — descripção das regiões vinicolas de Portugal — as castas d'uva e os vinhos — commercio dos vinhos*.

A enumeração dos paragraphos basta para mostrar quão completo é esse trabalho. Infelizmente o espaço de que dispômos é curto e o livro de que nos vimos occupando é enorme, motivo porque não podemos consagrar-lhe mais do que algumas linhas a cada capitulo.

Consagraremos o proximo numero da nossa revista á vinicultura nacional, transcrevendo então uma parte d'este trabalho e inserindo gravuras allusivas ao assumpto, extrahidas do precioso livro que vimos apreciando.

Aos vinhos seguem-se os azeites, apresentados n'uma vasta dissertação pelo sr. Ramiro Larcher Marçal, abalisado agronomo, director da Estação chimico-agricola de Belem e que é uma auctoridade incontestada no assumpto.

São devidos a este auctor estudos originaes e de completa novidade, tanto para nós como para o estrangeiro, sobre a chimica dos azeites.

Das conclusões d'esses ensaios desume-se proveitosa lição para a technologia oleifera.

Expôr estas considerações o mesmo é dizer do valor da collaboração do sr. Larcher Marçal no *Le Portugal au point de vue agricole*. D'este capitulo extrahimos a gravura d'um bello exemplar de azeitona portugueza.

Veem depois estudos primorosos dos srs. Sertorio do Monte Pereira, professor no Instituto de Agronomia e presidente do conselho do Mercado Central de Productos Agricolas sobre os — Os cereaes; do sr. Rodrigues de Moraes chefe de repartição na Direcção Geral da Agricultura sobre Fructos e hortaliças, Os lacticinios, O sal; do sr. A. A. Telles de Menezes, professor na Escola Agricola «Moraes Soares» sobre Plantas textis; Agricultura do sr. Pedro Roberto da Cunha e Silva, inspector dos serviços florestaes sobre Madeiras e Cortiças; do sr. Menezes Pimentel, director da Estação Transmontana de fomento agricola sobre Sericicultura; do sr. Paula Nogueira sobre Os productos agricolas dos Açores e da Madeira.

Das illustrações do primeiro capitulo citado n'esta resenha extractamos a estampa de um dos trigos portuguezes da explendida collecção alli apresentada.

Com este capitulo fecha a segunda parte da obra.

A vida rural se intitula a terceira e ultima parte do livro.

Foi o sr. conselheiro Anselmo de Andrade, actual ministro de fazenda, quem dirigiu o desenho das cartas que acompanham o primeiro capitulo—A propriedade e a população—que S. Ex.ª não pôde finalisar por ter sido chamado aos conselhos da corôa. Taes cartas, pórem, valem um capitulo. Ellas nos dizem da quota parte de territorio por habitante, do numero médio das propriedades ruraes, do valor da producção agricola por hectare e por habitante. Só estas cartas, pela primeira vez traçadas no paiz e para o paiz, conjuntamente com as outras onze que nos mostra *Le Portugal au point de vue agricole*, representam uma obra consideravel e d'um alto valor.

O sr. D. Luiz de Castro não contente com a, por certo trabalhosissima, direcção do livro, tambem escreveu para elle um capitulo, assim como o seu companheiro de fadigas mas tambem de glorias, o sr. Cincinnato da Costa. Intitula-se O credito agricola e o movimento associativo rural dividido em cinco paragraphos — *Os celleiros communs — As misericordias — De 1820 aos nossos dias — As associações — Os syndicatos agricolas*.

Tambem d'este capitulo darêmos aos nossos leitores um excerpto em numero proximo.

E os dois incançaveis directores, em collaboração, encerram o tomo com um capitulo sobre o ensino agricola, pondo em fóco a obra meritoria do Instituto de Agronomia na regeneração e progresso da lavoura patria.

Na Exposição Universal de Paris para a qual foi especialmente feito «Le Portugal au point de vue agricole» deram lhe o maior premio de que dispunha o jury: um *grand-prix*. Entre nós, como santos de casa não fazem milagres, não se dará porventura á publicação de que nos temos occupado o apreço que merece e a distincção de que é digna, mas podem os srs. D. Luiz de Castro e Cincinnato da Costa em sua consciencia estarem certos que fizeram um verdadeiro milagre, uma obra que é um monumento e que bem merecem do paiz.

QUESTÕES SOCIAES

(propriedade)

Quaes são a origem e o fundamento da propriedade?

Esta interrogação dirige naturalmente a si proprio todo o individuo sisudo que gosta de pensar e de reflectir sobre a essencia das coisas.

A massa consolidada e liquida constitutiva do planeta Terra precedeu o apparecimento do homem á face do globo habitado conforme se narra no *Genesis* e as indagações da sciencia confirmam.

Ora o ser humano de qualquer maneira que haja surgido n'este scenario vastissimo, foi levado forçosamente a um primeiro acto de posse só pelo simples facto de existir.

Depois a necessidade de alimentar-se e de defender-se conduziu-o quasi insensivelmente a lançar mão das substancias appetitosas que se lhe offereciam á vista e das armas fornecidas pelos troncos das arvores e pelas lascas de pedra.

Então a propriedade limitava-se ao preciso para matar a fome e saciar a sêde.

Correndo porém o tempo e tendo-se multiplicado o numero dos nossos antepassados, alargou-se inevitavelmente a sua esphera primitiva de acção material, não bastando já o ponto de espaço por elles occupado como garantia sufficiente de sua mantença.

Caça, pesca, productos espontaneos do solo hão sido por certo na aurora dos seculos a forma primeva porque se manifestou a actividade de nossos progenitores, estimulada por condições biologicas especiaes e submettida á influencia das leis physico-chimicas que regem os corpos organicos.

Mas o homem não é um ser estacionario; além do impulso genesico e do instincto de conservação, que lhe communicam uma força extraordinaria de expansibilidade e de resistencia feliz, elle é dotado d'um poder de razão, que lhe assegura um sceptro indisputavel de dominio e o faz avançar de continuo na escala do progresso.

Assim, de dono usufructuario de si mesmo, visto que o organismo em virtude de sua constituição admiravel não é inteiramente nosso, passou a apoderar-se por esforço proprio das coisas para que se sentia impellido pelo imperio da necessidade, e ás quaes anteriormente nenhum ente finito alterara o estado relativo de inercia.

E, egualmente, o homem foi levado a tolher os disferimentos do vôo ás aves e os movimentos terrestres e aquaticos aos demais animaes, tornados sua presa na lucta quotidiana que a vida lhe impunha.

Com o augmento sempre crescente de população e com o espirito de aventura, tantas vezes sobejamente explicativo das correntes de emigração, coincidiu a formação de varios grupos ou rebanhos, que, por seu turno, se desdobraram lentamente em outras tantas aggremiações humanas.

Cada grupo estabelecido n'um local determinado, havendo fabricado o asylo que o abrigasse das rajadas athmosphericas, das inundações das chuvas e dos assaltos das féras, affeiçoou-se pouco a pouco á sua morada, que d'ora ávante seria convertida em objecto de disputa, caso se intentasse desalojal-o.

Outra maneira de considerar a propriedade se antolha n'este apego ao chão em que estão erguidas as tendas que resguardam os corpos n'aquelles esboços e lineamentos de sociedades.

Quando o excesso de gente difficultou a acquisição de viveres nos logares proximos das habitações dos nucleos primitivos, foi mister não só ir ao longe procural-os mas pedir ao raciocinio conselho que fosse applicavel no empenho de obtel-os por ensaios de cultura e por combinação de esforços.

A terra foi cavada, e não teve recusas de ingratidão para quem orvalhava com o suor que lhe cahia da fronte em grossas bagas as leiras em que havia de germinar a semente alimenticia.

O homem acreditou-se legitimo senhor do terreno que desembaraçou e conseguiu amanhar.

Se outros o vinham atacar, interpunha-se mesmo violentamente, e embargava-lhes o passo ou succumbia luctando.

A noção do direito de propriedade amanhecia

«Le Portugal au point de vue agricole»

consagrada pelo trabalho, padrão nitentissimo da unica verdadeira nobreza que existe no mundo creado.

Tem pois razão obvia e fundamental na propria natureza humana, o phenomeno da propriedade.

Não é mera hypothese julgal-o assim e sustental-o argumentando, é uma verdade realissima de plenitude objectiva, que está patente aos olhos da intelligencia como é palpavel aos membros de locomoção e de aprehensão.

O homem prolonga-se, retrata-se e revê-se no campo que cultiva, nos inventos de sua capacidade pensante, nos objectos que modifica imprimindo-lhe o seu feitio, em tudo quanto produz de iniciativa pessoal, quer derive de encommenda alheia, quer signifique uma troca, quer obedeça a um calculo mental.

VISTA DE LEIRIA — Afloramentos de ophite nos marnes infraliasicos
(Parte primeira — Capitulo I — *A geologia de Portugal*)

A expressão — *meu* — é evidentemente logica para o caso, e tem toda a auctoridade justa de interpretação e toda a exhuberancia de sentido philosophico.

A propriedade não vem de filiação inconfessavel, nem se iniciou vergonhosamente, foi um acontecimento coevo do berço do genero humano, que resiste invulneravel a todos os tramas do sophisma, como a toda a cegueira das paixões desordenadas e a todas as remettidas do materialismo ignaro.

Nem a Historia, nem ainda as tradições, remontam tão alto na succession das edades, que seja possivel desenhar com exactidão absoluta de traços o quadro geral da evolução da humanidade nas suas phases diversas; mas, isto, em nada implica graus de incerteza na questão da propriedade, peremptoria e terminante como é a voz da consciencia em semelhante assumpto, poderosa e illucidativa como ha sido a tal respeito a marcha das gerações finadas, de que ficou registo claro e authentico, irrespondivel, examinando o que actualmente se observa entre os povos selvagens, ciosos como elles são no goso do que lhes pertence e na defeza de suas paragens.

E' para desejar ardentemente, que a propriedade se aquilate melhor aos moldes da justiça e á larga divisão proporcional de beneficio; mas guerreal-a por meio de invenções gratuitas é máu proposito contraproducente, no qual transluzem indicios de odio e de inveja, disfarçados a custo.

Honrar o trabalho, baluarte inexpugnavel em que assenta o direito de propriedade, e fonte lidima de possuir, é dar a demonstração eloquentissima do apreço que se sabe ligar a uma das bases primaciaes de conquista ingente do engenho do homem sobre os segredos do Universo e sobre os mysterios do pensamento.

O — *meu* — e o — *teu* quando sahem de labios que não mentem ás suas convicções entranhadas, respiram uma aura pura de seriedade inconcussa, que nenhum artificio de linguagem é susceptivel de refutar.

Precaver contra systemas abusivos no regimen da propriedade, sem offensa de direitos justificados, é tão rasoavel quanto licito.

«La morale, dizia Chavel, a dejà démontré que l'homme ne peut soumettre une chose à ses be-

JUNTA DE BOIS BARROZÃOS DO SR. LUIZ DE MAGALHÃES — (Parte primeira — Capitulo IV — *Os gados*)

«Le Portugal au point de vue agricole»

LAVOURA MINHOTA — (Parte primeira — Capitulo IV — *Os gados*)

soins sans se l'approprier, comme il ne peut s'approprier que ce qui doit s'appliquer à ses besoins, être consommé.»

E, este mesmo auctor, dizia tambem com soberano motivo: «Le fruit du travail est sacré, le crime seul peut en dépouiller.»

A propriedade, elemento social de primeira importancia e de magnitude excepcional, a que serve de instrumento directo o labor do homem desde as épocas mais remotas de sua existencia, é um sustentaculo solido na ordem dos periodos historicos e um conforto suggestivo nos horizontes da creatura racional; e importa reduzil-a a um equilibrio sensato de quantidades, para eliminar excrescencias singulares, provocadoras de erros injuriosos e de horas longas de angustia interminavel.

Esta aspiração constante de cada homem e de cada povo, só é realisavel quando todos se nutrem em estreita harmonia de vontades por principios genuinos de fraternidade.

E para se alcançar tão grandioso resultado, convém espalhar a boa instrucção, incitar ao trabalho, pôr obstaculos á absorpção desmedida e respeitar a propriedade.

Expunja-se e anniquile-se a petulancia arrogante, mas glorifique-se o direito.

D. Francisco de Noronha.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

1883-1884

(Continuado do numero antecedente)

No principio d'esta epocha o governo tinha mandado forrar de papel os camarotes. O governador civil occupou por algum tempo o camarote n.º 29 da 1.ª ordem, em lugar da sua frisa habitual.

AZEITONA *SEVILHANA* — (Parte segunda — Capitulo II — *Os olivaes e os azeites*)

TRIGO *VERMELEJOILO* — (Parte segunda — Capitulo III — *Os cereaes*)

Durou a administração do governo desde 17 de novembro de 1883 até ao fim de janeiro de 1884.

O commissario regio escripturou a mais os seguintes artistas:

Damas: Antonietta Pozzoni Anastasi, meio soprano, Bianca Donadio, Cecilia Ritter sopranos ligeiros, Eugenia Mantelli, contralto e musichetto; tenores: Gayarre, Tobia Bertini, barytono Federico Salvatti, o baixo Povoleri, e mais tarde o tenor Angelo Massanet.

Para as recitas de Gayarre abriu-se uma assignatura extraordinaria de 6 representações pelos seguintes preços:

	assignatura de 6 recitas	cada recita avulso
Frisas	72$000	15$000
1.ª Ordem........	72$000	15$000
2.ª »	42$000	9$000
3.ª »	30$000	6$000
4.ª »	18$000	3$600
Cadeiras.........	13$500	3$000
Geral	7$200	1$500
Galerias	4$200	800
Varandas.........	2$400	500

O commissario regio deu porém aos assignantes das recitas ordinarias quatro representações de Gayarre, duas nas recitas impares e duas nas pares.

A illuminação electrica foi abandonada e substituida pela antiga por meio do gaz.

Alem das operas que anteriormente citámos, e em que debutaram a dama Antonietta Pozzoni Anastasi na parte de *Amneris*, na *Aida*, em 1 de dezembro, e a dama Eugenia Mantelli, na parte de pagem nos *Huguenotes*, em 20 de novembro de 1883, deram-se durante a administração do governo as seguintes operas:

L'Africana, de Meyerbeer, em 23 de novembro de 1883, por Borghi-Mamo, Bellincioni, Neri, Ortisi, Devoyod, Rapp, Souvestre, Magnani, Bertocchi, Del-Fabbro, Guidotti, Lorenzana.

Il Profeta, de Meyerbeer, em 13 de dezembro, por Antonietta Pozzoni Bellincioni, Bertini (e depois Gayarre), Piazza, Castelmary (e depois Povoleri), Souvestre, Del-Fabbro, Bertocchi e Ghidotti.

La Favorita, de Donizetti, em 20 de dezembro, por Pozzoni, Neri, Gayarre, Salvatti, Rapp, Bertocchi.

Hamlet, de Ambroise Thomas, em 4 de janeiro de 1884, por Cecilia Ritter, Mantelli, Devoyod, Piazza, Rapp, Magnani, Bertocchi, Del-Fabbro, Lorenzana.

Un Ballo in maschera, de Verdi, em 9 de janeiro, por Fossa, Bellincioni, Mantelli, Gayarre, Salvatti, Povoleri, Del-Fabbro, Bertocchi, Guidotti.

Lucrecia Borgia, de Donizetti, em 12 de janeiro, por Borghi-Mamo, Mantelli, Gayarre, Piazza, Povoleri, Souvestre, Magnani, Lorenzana, Bertocchi, Del-Fabbro.

Dinorah, de Meyerbeer, em 26 de janeiro, por Bianca Donadio, Mantelli, Neri, Piazza, Salvatti, Povoleri, Bertocchi.

Mefistofele, de Boito, em 29 de janeiro, por Borghi-Mamo, Mantelli, Ortisi, Rapp, Bertocchi.

Deu-se n'este periodo uma dança, *Hedwig*, de Eugenio Casatti, musica de Justino Castilho, em 2 de janeiro de 1884, por Catarina Casatti, Torri, Moraes e Romão.

Em 26 de dezembro de 1883 a orchestra tocou a marcha *Regresso*, de Daddi, dedicada ao Principe real, para solemnisar o seu feliz regresso de uma viagem pela Europa.

O governo que havia tomado o theatro, para que se não interrompessem os espectaculos, e não soffressem nos seus vencimentos os artistas e os empregados, e não fossem prejudicados os assignantes, desejava comtudo que se não prolongasse muito este estado administrativo provisorio, que forçosamente devia trazer ao estado pesados encargos. Com effeito, não era animador o resultado d'esta nova intervenção do governo na administração do theatro de S. Carlos, apesar de ter por commissario regio quem era muito entendido, e pratico, n'estas cousas de theatro lyrico. E' verdade que as circumstancias eram muito difficeis. Succedeu então o que havia succedido vinte e trez annos antes com a administração de D. Pedro do Rio, que pouco ou nada percebia de opera lyrica e de intrigas theatraes; isto é, o estado perdeu muito dinheiro. No periodo que decorreu de 17 de novembro de 1883 a 31 de janeiro de 1884, em que o theatro de S. Carlos esteve sob a administração do governo, perdeu o estado mais de trinta e seis contos de réis. Eis o desenvolvimento da conta de receita e despeza d'esta administração governamental.

Conta de Receita e Despeza
da exploração do Real Theatro de S. Carlos
por conta do governo
desde 17 de novembro de 1883
até 31 de janeiro de 1884

Receita

Assignaturas:	
Resto da 1.ª serie................	674$000
2.ª serie, liquida da indemnisação (8:131$885) a Valdez, conforme a condição 28 do contrato de 21 de janeiro de 1884	5:419$065
Assignatura extraordinaria....	6:584$650
Receita geral	19:819$000
Botequim..........................	193$500
Resto do subsidio votado pelas côrtes	1:290$000
Producto da venda de 123 obrigações de 5% do emprestimo de 1881, deposito de garantia da ex-empreza Freitas Brito & C.ª, liquido da quantia de 716$580, de despezas de inventario...................	9:503$695
	43:524$810
Deficit da exploração theatral	36:104$255
	79:629$065

Despeza

Cantores:		
Erminia Borghi-Mamo	8:100$000	
Amalia Fossa Mirabella..........	4:050$000	
Antonietta Pozzoni Anastasi.	5:040$000	
Bianca Donadio......	1:380$000	
Gemma Bellincioni...	1:080$000	
Cecilia Ritter........	720$000	
Eugenia Mantelli.. ..	477$000	
Esther Neri...........	270$000	
Isolina Torri.........	45$000	
Julian Gayarre.......	7:200$000	
I. Devoyod...........	4:500$000	
C. Ortisi.............	4:950$000	
Bertini	675$000	
Castelmary	1:440$000	
Rapp..................	2:160$000	
Souvestre......... ..	1:080$000	
Salvatti	1:272$000	
Massanet........ ...	273$500	
Povoleri..............	563$510	
Piazza................	648$000	
Magnani..	432$000	
Del-Fabbro....	270$000	
Bertocchi.............	216$600	
C. Bonafous..........	27$000	46:669$610
Coros...............		5:569$965
Corpo de baile:		
Conjuges Casatti.....	810$000	
Bailarinas..........	2:069$240	2:879$240
Orchestra...........	9:946$855	
Banda	85$000	10:031$855
Empregados diversos		2:851$490
Ferias		1:375$350
Viagens..............		1:098$880
Multas		1:287$000
Musica	27$000	
Copias de musicas ...	175$200	
Aluguel de musicas..	630$000	832$200
Guarda roupa	1:888$160	
Scenario..............	259$785	2:147$945
Despezas geraes e diversas............		4:885$530
		79:629$065

No *Diario do Governo* de 21 de janeiro de 1884 appareceu um programma de concurso para a adjudicação do theatro por cinco annos, entrando comtudo tambem os mezes de fevereiro e março d'esta epocha de 1883 a 1884, devendo o futuro emprezario obrigar-se a manter todas as actuaes escripturas e encargos durante os dois mezes de fevereiro e março! Era uma pesada condição esta ultima, que impunha ao futuro emprezario um prejuizo certo e grande nos dois primeiros mezes de sua gerencia. Basta dizer que a despeza certa n'estes dois mezes subia a réis 55:199$520; havendo que receber dos assignantes só a 3.ª serie da assignatura.

N'estas condições, apesar do programma conter um augmento de preços para os futuros 5 annos, programma que, segundo se dizia, havia sido formulado anteriormente, em parte, e de accordo com o antigo emprezario Freitas Brito, só o actual commissario regio Antonio de Campos Valdez, já pelos seus conhecidos e provados predicados, já porque se encontrava á testa do theatro, podia tentar tão arriscada empreza. Pois mesmo assim o antigo emprezario se lembrou de concorrer.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

O ESTIO DE 1900

Não e esta, a classificação que lhe compete; poder-lhe-hiamos chamar, de preferencia uma continuação da primavera iniciada em março. Com effeito, sabemos que o estio é sempre caracterisado pela sua elevada temperatura, a qual, no nosso paiz, attinge muitas vezes um gráu de intensidade verdadeiramente tropical, e pela ausencia quasi absoluta de chuvas. Em relação á normalidade, o estio de 1900 não satisfez, por assim dizer, nem a uma nem a outra condição. A temperatura conservou-se quasi sempre abaixo do normal e nunca o sol fez aquecer a terra a ponto de impedir que a noite refrescasse sensivelmente. No mez de agosto, sobretudo, aquelle em que devem predominar as maiores calmarias, e que a anormalidade mais se accentuou. Assim, não tendo a minima thermometrica baixado a menos de 20°,2 na noite de 30 para 31 de julho, apesar da serenidade da atmosphera e da predominancia do vento do quadrante nornordeste, a temperatura foi successivamente baixando a ponto de, na noite de 4 para 5 de agosto, accusar um minimo de 16°,2 temperatura abaixo da normal de agosto. A partir d'este dia, nota-se um pequeno augmento mas pouco sensivel, tornando-se este, mais notorio na maxima thermometrica a qual attingiu no dia 10 de agosto 30°,9.

Foi esta a temperatura maxima de todo o mez de agosto, uma das maximas menos elevadas que se teem observado desde a fundação do observatorio de D. Luiz (agosto 1890, 31°,4; agosto 1897 31°,1)

Para que em tudo, este mez de agosto tenha sido anormal, uma depressão profunda da Irlanda avançou até á nossa costa, depressão que foi marcada, em Lisboa, no dia 25 de agosto, por uma diminuição de pressão equivalente a $10^{mm},4$ e que forneceu no pluviometro uma quantidade de agua correspondente a $39^{mm},6$, no mesmo dia. A depressão fez sentir os seus effeitos em todo o reino produzindo em alguns pontos muitos estragos. A temperatura baixou novamente de uma forma notavel e as maximas thermometricas registadas nos dias de maior chuva (dias 25 e 26 de agosto) foram respectivamente de 20,°2 e 21°,0 sendo a primeira, uma das mais baixas maximas, senão a mais baixa, que se tenha registado no Observatorio no mez de agosto. A quantidade de agua accusada pelo pluviometro durante este mez ($47^{m},2$) foi tambem a maior que se tem observado em agosto (agosto 1885, $31^{m},6$, inferior a $14^{m},6$ á de 1900.)

Muitas vezes succede que quando um mez se nos apresenta anormal, o mez que se lhe segue, quasi sempre soffre as mesmas consequencias, devido, sobretudo, á influencia que a lua tem sobre a atmosphera, embora esta opinião seja combatida por muitos. Diz Camillo Flammarion que os phenomenos meteorologicos succedem-se independentemente das phases lunares. Por uma serie de observações, por nós obtidas, e confirmadas pelos boletins do observatorio de D. Luiz, excellentemente dirigido pelo sr. Capello, parece, no entanto, que as phases lunares teem alguma influencia no estado geral do tempo. Assim, quasi sempre no inverno, os grandes temporaes são registados na occasião das luas novas; no verão, as mais altas temperaturas são observadas entre o quarto crescente e a lua cheia dos mezes estivaes. Não queremos dizer que todos os annos succedam estes factos, com a mesma precisão, mas o que não nos resta duvida é que os casos a favor teem sido até hoje em maior numero do que os casos falliveis, d'onde parece dever-se concluir alguma cousa de commum entre o estado do tempo e as phases da lua.

Mas deixemos este parenthesis que já vae um pouco extenso e continuemos o nosso assumpto.

Diziamos nós que quando um mez qualquer se apresenta anormal, no mez seguinte, notam-se quasi sempre os mesmos factos.

O mez de setembro de 1900 pareceu, na sua primeira semana, querer confirmar o que dizemos. Com effeito, a temperatura a partir do dia 1 elevou-se subitamente chegando a attingir um maximo de 32,°6 superior a todos os máximos notados no mez anterior do mesmo anno. Os dias que se seguiram foram caracterisados por uma atmosphera abafadiça, embora a temperatura se tivesse conservado um pouco mais toleravel, mas o tempo abafado, custando muito mais a supportar, faz-nos parecer que a temperatura é muito mais elevada que a realidade; sentimo-nos, então pesadissimos. Este facto é devido ao desequilibrio que existe entre o peso do nosso corpo e o da atmosphera.

Note-se, nós empregamos a palavra abafadiça e

não pesada, porque n'essas occasiões, a atmosphera não se encontra, como vulgarmente se diz, pesada, visto que pelo contrario ella se encontra mais leve do que o normal. Como os nossos corpos teem um peso, relativamente a atmosphera, constante, quando esta se torna mais leve, o equilibrio já não se realisa, e a relação entre o peso dos nossos corpos e o da atmosphera torna-se sensivelmente maior.

Se designarmos por p, o peso do nosso corpo, por P o peso da atmosphera, para que o equilibrio se dê, é necessario que a relação seja egual a

$$\frac{P}{p}$$

Se fizermos variar P, e o tornarmos por exemplo, duas vezes maior, claro é que o quebrado torna-se duas vezes maior, e a relação que existia entre $\frac{P}{p}$ torna-se da mesma forma dupla da que era primitivamente, logo

$$2 \times \frac{P}{p} = \frac{2P}{p}.$$

Como era facil de prevêr pelo que nós anteriormente dissemos, a media normal de setembro, foi durante todo o mez sensivelmente maior que a de agosto, excepto a partir do dia 25 de setembro, data em que os caracteristicos do outomno fizeram a sua apparição.

Como uma mera curiosidade, apresentamos um quadro, onde o leitor encontrará, nos ultimos vinte annos, o numero de dias em que o termometro se elevou acima de 30°, e a maxima temperatura observada em cada um dos annos.

Tabella indicativa do numero de dias em que o thermometro subiu acima de 30° nos ultimos vinte annos e maximas respectivas.

Annos	MEZES							Maxima	
	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro		
1880	0	0	1	0	1	3	0	32°,9	Verão benigno
1881	0	0	0	8	15	2	–	37°,6	» quente
1882	0	0	0	3	7	9	0	35°,7	» benigno
1883	0	0	0	2	5	1	0	32°,6	» benigno
1884	0	0	2	6	10	1	0	36°,6	» regular
1885	0	0	1	0	5	1	0	37°,8	» benigno
1886	0	0	5	8	6	0	0	33°,4	» regular
1887	0	0	9	6	8	0	0	34°,5	» quente
1888	0	1	1	0	6	0	0	35°,4	» benigno
1889	0	0	1	2	3	5	0	35°,5	» regular
1890	0	0	6	6	2	6	0	34°,5	» regular
1891	0	0	5	3	7	0	0	35°,9	» regular
1892	0	2	5	2	10	3	0	37°,5	» quente
1893	0	0	3	11	9	2	1	34°,6	» quente
1894	0	0	2	3	7	0	0	35°,9	» regular
1895	0	0	4	3	9	1	0	35°,4	» regular
1896	0	0	2	5	8	1	0	35°,6	» regular
1897	0	0	8	9	1	2	0	37°,5	» regular
1898	0	0	3	6	13	3	0	35°,9	» quente
1899	0	1	3	11	10	3	0	37°,8	» quente
1900	1	1	0	6	1	1	–	34,°6	» benigno

Comparando, o anno de 1900, com a serie de observações que publicamos, dos annos antecedentes, vemos, por conseguinte, que não temos tido razão de queixa do calor. Outro tanto, não disseram os parisienses que este anno tiveram de supportar um verão verdadeiramente excepcional em que, durante cerca de 15 dias se registaram temperaturas acima de 30°. (max. 37°,7). Os madrilenos viram tambem o seu thermometro accusar uma temperatura superior a 40°, os sevilhanos supportaram 44°, e os londrinos, sendo o seu clima em geral muito benigno (max. normal regulando de 30 a 33°,5) viram, com grande pasmo seu, o thermometro subir vertiginosamente até 36°,3.

E' possivel que da suavidade da temperatura que esperimentámos durante todo o verão, venha a resultar um inverno rigoroso, com frios anormaes. O tempo nol-o dirá.

5—10—900.

Antonio A. O. Machado.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

IV

HADGI-STAVROS

VI

A FUGA

Em meio das nossas despedidas, espalhou-se em volta de nós, um cheiro a alho, que me deu vomitos. Era a criada grave das senhoras que vinha implorar-lhes a generosidade. Havia dois dias que a haviam dispensado de todo o serviço, visto que a mulherzinha tornára-se incommoda além de inutil. Entretanto M.ess Simon tinha pena de lhe não valer por qualquer forma e pediu-me que contasse ao Rei como lhe haviam roubado o dinheiro todo. Hadgi-Stavros não se mostrou nem espantado nem escandalisado. Contentou-se com resmungar.

— Aquelle Pericles... ! Muito mal educado... A cidade... A côrte... Era de esperar.

E alto:

— Queira dizer a essas senhoras que não tenham cuidado; quem lhe ha de pagar sou eu. Diga-lhes tambem que se precisarem d'algum dinheiro, que lhes ponho a minha bolsa ao seu dispor. Mando com ellas uma escolta até ás faldas da serra, ainda que não vejo que as ameace qualquer perigo. A policia não é tão feia como a pintam. Na aldeia de Castia hão de encontrar almoço, cavallos e guia. Tudo previ e paguei já. Quererão ellas dar-me o prazer de me apertar a mão?

M.ess Simons não pareceu muito pelos ajustes; mas a filha estendeu resolutamente a mão ao velho palicaro.

A linda mãosinha de Mary-Ann estava queimada como uma peça de setim côr de rosa posta no mostrador durante tres mezes de verão. Nem por isso deixei de applicar n'ella com summo gosto os meus labios. Beijei depois o metacarpo austero de M.ess Simons.

— Animo, sr.! disse-me a velha, pondo-se a andar.

Mary-Ann nada me disse, mas atirou-me um olhar capaz de electrisar um exercito.

Hadgi-Stavros chamou-me de parte:

— Com que então fizemos asneira.

— Assim foi. Fizemos asneira.

— O seu resgate não foi pago. Sel-o-ha? Creio que sim. As inglezas pareceram-me ser suas amigas.

— Ah! Lá por isso esteja descançado. D'aqui a tres dias hei de estar muito longe.

— Tanto melhor. Preciso muito de dinheiro. As perdas de segunda feira aggravaram me muito o orçamento. Temos que completar o pessoal e o material.

— Queixe-se! Um homem que metteu em cofre n'este instante cem mil francos!

— Perdão; noventa mil: o frade já se pagou da dizima. D'essa quantia que tamanha lhe parece não embolso vinte mil francos. Os nossos encargos são enormes.

— Já perdeu em algum negocio?

— Uma só vez. Havia recebido cincoenta mil francos por conta da sociedade. Um dos meus secretarios, que mais tarde enforquei, safou-se com a caixa para a Thessalia. Sou responsavel; tive que entrar com o deficit. A parte que me competia era de sete mil francos, entrei com quarenta e tres mil. Mas o patife pagou-m'o caro. Castiguei-o á moda da Persia. Antes de o enforcar, mandei arrancar-lhe os dentes e pregar-lhos na cabeça, um por um, ás martelladas. Foi um bello exemplo. E olhe que eu não sou máo; mas certas patifarias não as tolero.

E eu ria cá por dentro, lembrando-me que o pallicaro, que não era máo, havia de perder os oitenta mil francos do resgate de M.ess Simons e que só havia de ter a noticia, quando já longe d'elle estivessem a minha cabeça e os meus dentes.

Tomou-me o braço e disse-me com grande familiaridade:

— Como ha de agora matar o tempo? Que falta lhe hão de fazer estas senhoras! Quer deitar os olhos para alguns jornaes dé Athenas? O frade fez-nos o favor de trazer alguns. Eu pouco os leio. Sei o que vale um artigo de jornal, visto que os pago. Aqui tem a *Gazeta Official*, a *Esperança*, o *Pallicaro*, a *Caricatura*. Tudo isso deve falar da gente. Pobres assignantes! Leia, se quizer, e conte-me depois o que houver que seja curioso.

A *Esperança*, escripta em francez, com o fim de deitar poeira aos olhos da Europa, consagrava um longo artigo ao desmentido das ultimas noticias sobre bandoleirismo. A veridica folha gabava a segurança dos caminhos, exaltando a tranquillidade de todas as serras do reino.

O *Pallicaro*, redigido sob a inspiração de alguns amigos de Hadgi-Stavros, continha uma eloquente biographia do heroe. Era o unico homem do nosso seculo, que nunca havia sido vencido; mas cheio de desgostos renunciava ao bandoleirismo e, abandonando a Grecia, expatriava-se para qualquer cidade da Europa, onde as riquezas gloriosamente conquistadas lhe permittiam viver como um principe.

«Banqueiros e mercadores, gregos, estrangeiros, viajantes, nada tendes a temer! O Rei das Serras quiz, como Carlos V, abdicar em meio da sua maior gloria, do seu maior poder!»

Lia-se na *Gazeta Official:*

«No domingo, 3 do corrente, pelas cinco horas da tarde, a caixa militar que ia em caminho de Argos com a quantia de vinte mil francos, foi atacada pela quadrilha de Hadgi-Stavros, conhecido pelo cognome de Rei das Serras.

Os bandoleiros em numero de trezentos ou quatrocentos cahiram sobre a escolta com incredivel furia. Foi lhes opposta uma resistencia heroica. Os aggressores foram repellidos á baioneta deixando o campo coberto de cadaveres.

Diz-se que Hadgi Stavros ficou gravemente ferido. As nossas perdas foram insignificantes.

No mesmo dia, á mesma hora, as tropas de Sua Magestade obtinham outra victoria d'ali a dez leguas. Foi no cume do Parmes, a quatro estadios de Cartia, que a segunda companhia do primeiro batalhão de policia derrotou a quadrilha de Hadgi-Stavros. Ahi tambem, conforme o relatorio do valente capitão Pericles, haveria acertado um tiro no Rei das Serras. Infelizmente a victoria custou caro. Os salteadores, occultos por detraz dos rochedos e das moitas, mataram ou feriram gravemente dez soldados.

Um esperançoso official, ha pouco sahido da escola, o sr. Spiro, achou morte gloriosa no campo da batalha.

Em presença de taes desgraças consola pensar-se que ahi, como por toda a parte, cumpriu-se a lei.»

O jornal a *Caricatura* continha uma lithographia muito mal desenhada, na qual, ainda assim, reconheci os retratos de Pericles e do Rei das Serras, padrinho e afilhado, dando um ao outro um abraço. A legenda era a seguinte:

«ASSIM É QUE ELLES SE BATEM»

— Olá! disse eu comigo, não sou eu só que estou na confidencia.

Dobrei os jornaes, e, emquanto esperava que Hadgi-Stavros voltasse, puz-me a meditar na posição em que M.ess Simons me havia abandonado. Não havia duvida que não deixava de ser glorioso dever a mim sómente a liberdade e que mais valia fugir da prisão por um acto de coragem do que por manhas de menino de escola.

Podia de um dia para o outro assumir a posição de heroe de romance e tornar-me a admiração de todas as meninas da Europa.

Mary-Ann desataria sem duvida a adorar-me, logo que me visse são e salvo, depois de tão temeraria evasão. O peor era se me faltasse o pé na descida. Veria Mary-Ann com bons olhos um coxo ou um maneta?

Ainda por cima, era certo que eu havia de ser vigiado dia e noite. O meu plano, por muito engenhoso que fosse, só poderia ser executado depois da morte do meu guarda. Matar um homem, mesmo para um doutor, não é coisa assim tão corrente. Dizel-o é facil, sobretudo para quem fala com a mulher de quem gosta. Mas desde que Mary-Ann se fôra, a minha cabeça já não estava no ar. Parecia-me coisa já mais difficil arranjar uma arma e menos commoda servir-me d'ella. Uma punhalada é uma operação cirurgica que dá calafrios a todo o homem de bem.

Puz-me a pensar que a minha futura sogra andára algum tanto levianamente com o genro escolhido.

Puz-me a amaldiçoar M.ess Simons tão cordealmente como a maior parte dos genros amaldiçoam as sogras em qualquer paiz civilisado.

E, como estava com a mão na massa, enviei algumas maldições tambem ao meu excellente amigo John Harris, que assim me abandonára á minha triste sorte. Dizia comigo que se elle estivesse em meu logar e eu no d'elle, não o deixava assim oito dias sem novas nem mandados.

«Le Portugal au point de vue agricole»

Vá que o Lobster não respondesse, era muito novo; que não respondesse o Giacomo que era uma força irracional nem o sr. Mérinay, cujo egoismo ferrenho eu conhecia. Mas o Harris, que havia exposto a vida por amor d'uma preta de Boston! Valeria eu menos que uma preta?

Hadgi-Stavros veio mudar-me o curso das idéas, offerecendo-me um meio para fugir muito mais simples e menos perigoso. Só pernas era preciso e essas não me faltavam.

O Rei veio ter comigo no momento em que eu bocejava, como o mais humilde dos animaes.

—Está seccado, hein? perguntou elle. É de ter estado a ler. Cá por mim abrir um livro é pôr os queixos em risco. Mas porque não emprega melhor o tempo que lhe sobra? Não vai á serra procurar plantas? A caixa não augmentou estes oito dias. Quer que o deixe passear sob a vigilancia de dois homens dos meus? Não lhe recusaria um tão pequenino favor. Aos que o enviaram cá dirá depois.—«Ora aqui teem plantas colhidas no reino de Hadgi-Stavros!»

E eu pensei que se effectivamente estivesse a duas leguas d'ali, entre dois ladrões sómente, não me seria difficil por-me a distancia n'um instante. O perigo sem duvida duplicaria as minhas forças. Porque corre a lebre mais que todos os outros animaes? Porque tambem corre maior risco.

Acceitei o offerecimento do Rei e logo ali elle poz dois homens de sentinella á minha pessoa. Disse-lhes simplesmente:

—É um lord de quinze mil francos. Se o perderem, hão de pagal-o ou substituil-o.

Os meus acolytos não me pareceram invalidos. Tinham pernas d'aço. Passando-lhes revista observei que traziam á cinta duas pistolas do tamanho de espingardas de criança.

Nem por isso desanimei. A força de andar em má companhia, tinha-me costumado ao sibilar das balas.

Afivelei a caixa nos hombros e puz-me em marcha.

—Divirta-se, disse-me o Rei.

—Adeus, sr!

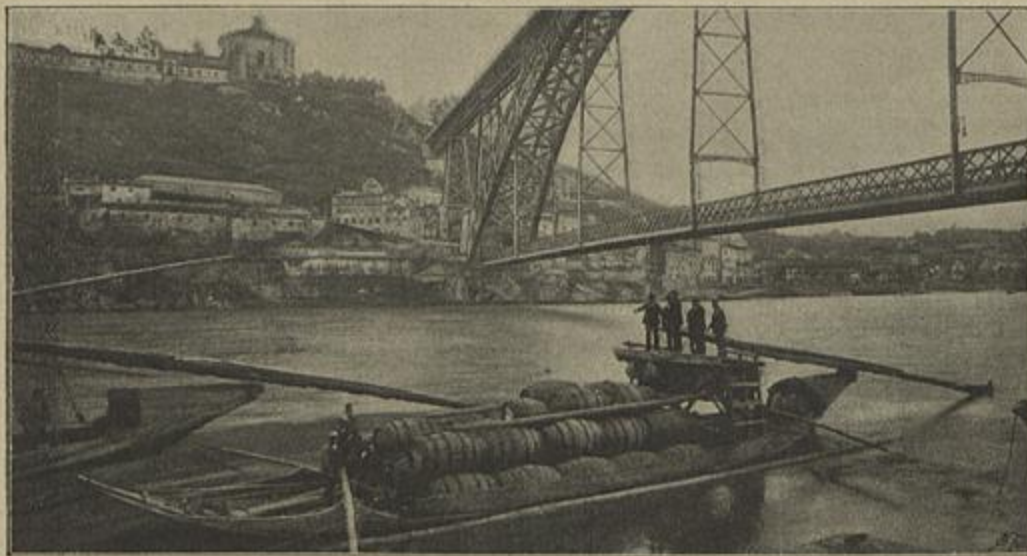
—Adeus não, se faz favor; até mais ver.

Arrastei os meus companheiros na direcção de Athenas. Não offereceram resistencia; deixaram-me ir para onde eu quiz.

Aquelles patifes, muito mais bem criados que os soldados de Pericles deixavam toda a liberdade desejavel aos meus movimentos. Tambem elles herborisavam, lá por seu lado, para a ceia da noite.

Eu, parecendo muito atarefado, arrancava mólhos enormes de relva, em que fingia escolher um raminho que depunha como preciosidade no fundo da caixa.

Toda a minha attenção parecia posta no chão, mas está claro que n'uma occasião d'aquellas não se é botanico, é-se prisioneiro. Quem sabe se n'esse dia não encontrei alguma planta inedita que faria a fortuna d'um naturalista? Bem me importava! Lembra-me perfeitamente que passei rente com um pé admiravel de *boryana variabilis;* mas não pesava talvez menos de meio arratel e não lhe dei a honra d'um seu olhar. Não queria sobrecarregar-me; bem me bastava o peso que já levava. Só duas coisas via: Athenas no horisonte e os dois patifes a meu lado. Tinha sempre olho n'elles, na esperança que alguma distracção da sua parte me livrasse da vigilancia; mas estivessem onde estivessem, colhendo salada ou vendo voar os abutres, um olho pelo menos não desfitava dos meus movimentos.

Lembrei-me de lhes dar um encargo mais serio. Iamos por um atalhosinho estreito que evidentemente devia de ir dar a Athenas. A' minha esquerda vi uma linda giesta que o cuidado da Providencia fizera crescer no alto d'um penedo. Mostrei cubiçal-a como se fosse um thesoiro. Cinco ou seis vezes tentei escalar o talude escarpado que o protegia. E tanto fiz que um dos meus guardas teve dó de mim e offereceu-me os hombros para eu trepar. Não era o que eu queria, mas forçoso me foi acceitar-lhe o favor; entretanto magoei-o por tal fórma com os meus sapatos ferrados, que o homem deu um berro de dôr e atirou comigo ao chão. O companheiro, que se interessava pelo exito da empreza, disse-lhe:

—Espera. Eu que não tenho taxas nos sapatos vou trepar em vez de milord.

Dito e feito, salta, pega na giesta, sacode-a, arranca-a e dá um grito.

Já eu ia correndo, sem olhar para traz.

O espanto d'elles deu-me uns dez segundos de deanteira. Mas não perderam tempo a ralhar um com o outro, pois logo lhes ouvi os passos, que me seguiam de longe. Dobrei a velocidade. O caminho era magnifico, egual, unido, feito para mim. Desciamos por um declive rapido. Eu ia correndo com os braços unidos ao corpo, sem dar conta das pedras que iam rolando sob os meus calcanhares e nem vendo onde punha os pés. Rochedos e moitas pareciam-me ir correndo em sentido inverso dos dois lados do caminho. O corpo não me pesava nada. Parecia-me que tinha azas. Mas aquella bulha dos quatro pés cançava-me os ouvidos. De repente pararam. Cançariam elles! Uma nuvemsinha de poeira levantou-se a dez passos na minha frente. Um pouco mais longe, uma nodoasinha branca applica se n'um penedo cinzento. Escuto ao mesmo tempo duas detonações. Os salteadores haviam descarregado as pistolas, e eu sempre a correr!

Continúa a perseguição. Oiço vozes, arfando, que me gritam: «Pára! Pára!» Mas não parei. Perco o caminho e vou sempre correndo, não sei por onde. Vejo um fosso na minha frente tão largo como um rio; mas na velocidade em que eu ia, não podia medir distancias. Salto. Estou salvo! Quebram-se-me os suspensorios. Estava perdido!

Não sei porque ha de rir. Sempre queria vel-o a correr sem suspensorios a ter que segurar as calças.

Cinco minutos depois, estava filado. De algemas nos pulsos e nas pernas, trouxeram-me á paulada para o campo de Hadgi-Stavros.

O Rei recebeu-me como a quem se lhe queria safar com quinze mil francos.

—Fazia do senhor uma outra idéa. A sua phisionomia enganou-me. Não se admire se vou d'ora ávante tomar comsigo precauções severas. Não é por vontade minha. Fica ate novas ordens preso no seu quarto. Um dos meus officiaes far-lhe-ha companhia na sua barraca. Isto é simples precaução. Se reincidir saiba que será castigado. Basilio, tomarás conta n'este senhor.

O Basilio cumprimentou-me com a sua habitual polidez.

—Tratante! pensei. E's tu que deitaste as crianças no lume e que deitaste mão á cintura de Mary-Ann. Quizeste apunhalar-me no dia de Ascenção. Pois antes me quero comtigo do que com qualquer outro.

(Continúa).

CHEGADA DE VINHO DO DOURO AO PORTO—(Parte segunda—Capitulo I—*Os vinhedos e os vinhos*)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista politica e litteraria—*Via Marco Minghetti, 3—Roma—1900.*

Já alcança ao fasciculo II do seu volume XII e quarto anno de publicação esta importante revista italiana, cujo ultimo numero dedica o seu principal artigo a *Il re pietoso e il nuovo regno,* e o acompanha de outros, sempre interessantes e á altura da conceituada revista, taes como: *Via Lucis,* romance, *Il regno di Umberto I—Le prime screpolature della muraglia cinese, Leolpoldo II di Lorena nella poesia italiana, Intorno alla galleria Capitolina—Rassegna economica e finanziaria,* etc.

Como Lina aprendeu a ler e a escrever—*Conto pedagogico por Frederico Frœbel, auctor da «Educação do Homem», das «Canções de Mãe»; instituidor dos «Jardins da Infancia»—versão portugueza do professor Arlindo Varella—Lisboa—Livraria de Avellar Machado—1900.*

É este voluminho o primeiro d'uma *Bibliotheca Pedagogica* que o illustrado professor sr. Arlindo Varella iniciou com o nobre intuito de espalhar o gosto pelo ensino, dedicando-a ás educadoras portuguezas e a desenvolver nas creanças o desejo de aprender pela forma agradavel da instrucção que se lhes ministra.

É facil avaliar do estylo do conto sabendo-se que elle segue as ideias pedagogicas de Frederico Frœbel, o illustre fundador dos *Jardins da Infancia,* essa instituição educativa, destinada a receber crianças dos dois aos seis annos, tendo por fim desenvolver-lhes harmonicamente as faculdades physicas, intellectuaes, moraes e estheticas. O ensino é essencialmente objectivo, exercitando se a actividade livre espontanea das crianças por meio de jogos e occupações manuaes accommodadas á sua edade e visando sempre a um fim util.

Segundo uma nota do sr. Arlindo Varella os *jardins de infancia* acham se actualmente espalhados na Allemanha, Austria, Suissa, Italia, Belgica, França, Inglaterra, Estados Unidos da America do Norte. Em Portugal deve-se a fundação do primeiro estabelecimento d'esta natureza á camara municipal de Lisboa, a qual o inaugurou festivamete no passeio da Estrella da mesma cidade, em 21 de abril de 1882, querendo assim solemnisar a data do primeiro centenario do nascimento de Frœbel.

Infelizmente tão util instituição não se tem diffundido entre nós. Bemvindos, pois, são todos os trabalhos que se publicam no nobre intuito de espalhar o conhecimento das ideias de Frœbel sobre a educação infantil, base de toda a civilisação d'um povo.